



EDIÇÃO  
Vol. 7 | Nº2 | 2026



Viver não cabe no  
Lattes: entre a ciência,  
o samba e a  
maternidade!



Ela não espera o roteiro  
— Ela escreve!



Quando a inquietação  
também é um ato de  
coragem !



Raízes no sertão,  
coração na floresta

# DESBARATANDO A BIOLOGIA

## VOL. 7 | N°2 | 2026

### FICHA CATALOGRÁFICA

*Desbaratando a Biologia*  
*Publicação semestral de Divulgação Científica*

ISSN 2675-0325

Idealizadores: Jânio C. Moreira, Fábio H. Dyszy

Editor chefe: Jânio C. Moreira

Editor responsável por esta edição: Isabel Francisca L. Marques

Contato: [desbaratandoabiologia@gmail.com](mailto:desbaratandoabiologia@gmail.com)



*Viver não cabe no Lattes: entre a ciência, o samba e a **maternidade!*** | PÁG02

*Ela não espera o roteiro — **Ela escreve!*** | PÁG04

*Quando a inquietação também é um ato de **coragem!*** | PÁG06

*Raízes no sertão, coração na **floresta!*** | PÁG08

# Viver não cabe no Lattes: entre a ciência, o samba e a maternidade!

*Somos muito mais do que artigos publicados e métricas de produtividade; somos histórias, afetos, cultura, família, sonhos e tudo aquilo que acontece fora do laboratório e que, ainda assim, sustenta a ciência que produzimos.*



*Sou pesquisadora na Fiocruz, especialista em helmintos de pequenos mamíferos, mãe em tempo integral e, nas horas (quase inexistentes) vagas, compositora, ritmista em formação e diretora de harmonia no carnaval. Meu texto revela que, por trás do Lattes cheio de artigos, existe uma mulher que equilibra campo, laboratório, maternidade e avenida. É uma mistura de ciência, samba e sobrevivência.*

Desde menina, sonhei em ser pesquisadora da Fiocruz e, ao mesmo tempo, em viver intensamente os bastidores do carnaval. Por muito tempo achei que teria que escolher entre ciência e samba, ainda mais sendo mulher. Mas não escolhi. Em 2026, completei 10 anos equilibrando esses dois mundos e fazendo isso com minha filha no colo, literalmente.

Conciliar ciência e samba nunca foi simples sempre foi um equilíbrio delicado entre prazos, ensaios e responsabilidades. O maior desafio veio quando me tornei mãe. **Eu** estava bem no início do doutorado. Já era um desafio enorme aprender a ser mãe e, ao mesmo tempo, me afirmar como pesquisadora. Mas, como se o roteiro precisasse de mais emoção, o prédio onde ficava o meu laboratório pegou fogo. De uma hora para outra, fiquei quase um ano afastada da bancada. Foi preciso recomeçar. Trocar de projeto. Redesenhar planos. Respirar fundo.

O doutorado, que teria quatro anos, acabou sendo realizado em dois anos intensos e no limite. Nesse período, conciliei campo, identificações taxonômicas, experimentos, escrita, maternidade e minha vida no carnaval, porque o samba nunca saiu da equação.

Houve dias em que 24 horas não eram suficientes e noites em claro divididas entre maternidade, artigos e ensaios, às vezes tudo ao mesmo tempo. Passei por exaustão e muitas dúvidas, mas cada desafio me tornou mais resiliente. Se hoje estou de pé e conquistei meu espaço na pesquisa e no samba, é porque nunca caminhei sozinha: minha rede de apoio foi a base que sustentou meus sonhos quando eu mais precisei.

Porque conciliar não é um ato individual de heroísmo. É um exercício coletivo de amor, confiança e parceria. E é isso que me sustenta até hoje.

Mas a verdade é simples: viver não cabe no Lattes!

O Lattes registra a pesquisadora.

Mas não registra a mãe.

Não registra a Diretora de harmonia.

Não registra as lágrimas na concentração, o barro da bota de campo, o brilho no olho ao ver um aluno crescer, nem a emoção de atravessar a avenida.

Entre artigos, colo apertado e tamborins, entre a bancada do laboratório, a rotina da maternidade e a concentração na avenida, pulsa uma vida inteira acontecendo. Uma vida feita de escolhas difíceis, de amor insistente, de cansaço real e de sonhos que se recusam a caber em caixinhas. E essa vida também é produção. Também é construção. Também é ciência.



Fonte: Arquivo pessoal – Camila Lucio



**Camila Lucio:**  
Carioca, Bióloga, Doutora em Biologia Parasitária, Mãe, Compositora, Diretora de harmonia, Ritimista em construção e apaixonada pela vida.

# Ela não espera o roteiro — Ela escreve!

Fazer mil coisas ao mesmo tempo é comigo mesma. Entre compromissos, prazos, família e sonhos, sigo aprendendo todos os dias que equilíbrio não é perfeição-, é construção. É entender que nem sempre darei conta de tudo, mas que posso dar o meu melhor no que realmente importa.



*Sou bióloga de formação, artista visual, formada em Recursos Humanos, artesã e curiosa. Professora de Biologia da rede Estadual do Estado de Goiás e doutoranda pelo IOC-Fiocruz. Meu texto é, de alguma forma, a expressão de como foi e como é a minha caminhada, que é a mesma de milhões de mulheres brasileiras.*

Terminei meu mestrado em 2001. Desde então, eu sempre sonhei em continuar meus estudos, mas, como fui morar no Tocantins, deixei o sonho de cursar um doutorado, de alguma forma inerte entre os sonhos e a realidade de trabalhar três turnos e cuidar da minha família. Eu também sonhava em cursar artes visuais, como algo que esteve sempre presente no meu ser. Confesso que achei que nunca iria realizar esse sonho, até que, no período da pandemia, na “parada obrigatória” da correria do dia a dia, eu consegui enxergar uma janela de oportunidade para realizar esse sonho.

Em 2022, tive o prazer de conhecer o projeto Expresso Chagas XXI, em Posse/GO, a cidade onde moro desde 2009. Fiquei absolutamente encantada com a ideia de juntar arte, saúde e educação tudo junto e misturado e como um projeto itinerante conseguia causar um impacto positivo em algo tão importante como a Doença de Chagas.

Fiquei ainda mais surpresa quando descobri que existia uma linha de pesquisa em CiênciArte. Em 2025, veio a minha segunda janela de oportunidade para realizar mais um sonho adormecido há 24 anos: tentar a seleção do doutorado na Fiocruz. Consegui! Hoje, professora, mãe, artista e estudante.

Eu, criticamente às vezes me pergunto: como faço tantas coisas? Mas, esse é meu combustível. A adrenalina diária como uma aventura em tempo integral. Falar de força feminina é também falar sobre resistência silenciosa, jornadas múltiplas e sutileza sustentada com grandes responsabilidades. A minha história é a história de milhares de mulheres que constroem uma vida em família, partilhada com a vida profissional. Sendo bióloga e professora há mais de 25 anos, aprendi que a vida é feita de ciclos e evolução constante. Sempre foi um grande desafio conciliar o tempo entre família e o trabalho. Aprendemos a caminhar entre a firmeza e a ternura onde os desafios familiares, como esposa e mãe, se tornam cobranças necessárias mas, ao mesmo tempo, o esteio da tranquilidade do lar, trazendo equilíbrio para uma caminhada tão desafiadora. No Dia Internacional da Mulher minha história se soma à de tantas outras mulheres, que estudam, ensinam, lideram, cuidam e sonham.

Assim, sigo acreditando na força do que fazemos e na beleza das pequenas transformações do cotidiano, e é nessa construção diária que encontramos motivos para celebrar, aprender e seguir em frente com confiança e alegria.



Fonte: Arquivo pessoal – Fernanda S. B. Sinaei



**Fernanda S. B. Sinaei**

**Bióloga por vocação, professora por paixão, eterna estudante por essência, artista por sensibilidade e mãe por amor. Mineira de origem, com o coração também goiano e tocantinense — carrego em mim as cores, os sotaques e as histórias de cada lugar que faz parte da minha caminhada. Minha parada obrigatória? A felicidade e o bom humor como companheiro inseparável de jornada.**

# Quando a inquietação também é um ato de **coragem!**

*“Educação, ciência e persistência na  
trajetória de uma mulher”*



*As oportunidades sempre surgiram em minha vida como pequenas janelas. Algumas discretas, outras desafiadoras. Todas exigiram persistência, compromisso e dedicação para que se transformassem em portas abertas. Foram essas portas que me conduziram a caminhos inimagináveis para aquela menina, filha de padeiros apaixonada pelos estudos e movida pelo desejo de aprender.*

A vida, no entanto, não se constrói apenas de sonhos. Dificuldades financeiras me levaram a interromper um curso superior ainda no primeiro ano. Anos depois, já casada, pude retomar minha trajetória acadêmica. Hoje, ao revisitar essa caminhada, o sentimento que prevalece é o da gratidão — pelas pessoas, pelos encontros e pelas oportunidades que deram sentido à minha formação pessoal e profissional.

Sou esposa de Jorge Hilton e mãe de dois jovens adultos, Jorge Pedro e Pedro Henrique. Atuo como professora da educação básica na rede estadual de Goiás desde 2004. Ingressei no Colégio Estadual da Polícia Militar Carlos Cunha Filho logo após concluir a graduação em Ciências Biológicas pela então FESURV, hoje Universidade de Rio Verde. Essa escola foi, sem dúvida, um espaço que me lapidou. Ao longo dos anos, também atuei no Colégio Estadual Miltes Furquim de Oliveira e no CEPMG Sebastião do Vale, experiências que enriqueceram minha prática docente e minha visão de mundo.

A docência me presenteou com amizades que ultrapassaram os muros da escola. Colegas e ex-alunos tornaram-se parte da minha história, inclusive alguns trabalham comigo. Em 2009, movida por novos desafios, tomei posse em um concurso municipal e iniciei minha atuação como fiscal ambiental em Rio Verde. Uma carreira distinta, mas igualmente significativa, marcada pela responsabilidade, pelo estudo contínuo e pelo compromisso com a proteção do meio ambiente.

Essa inquietação por aprender me conduziu novamente à academia. Em 2023, ingressei no mestrado em Biodiversidade e Conservação, no IF Goiano – Campus Rio Verde, concluído em março de 2025. Minha pesquisa envolveu o inventário de mamíferos de médio e grande porte em fragmentos do Cerrado, utilizando armadilhas fotográficas. Mais do que resultados científicos, essa experiência representou crescimento, amadurecimento e fortalecimento de novas habilidades.

Ao olhar para trás, compreendo que cada erro, tropeço e desafio foi, na verdade, um pré salto. Sou uma mulher que, antes de tudo, é esposa, mãe e filha, mas que não desistiu. Que insistiu, estudou e seguiu entusiasta da natureza, comprometida com a educação, a ciência e a vida.

Que esta trajetória dialogue com outras mulheres e as lembre de que é possível recomeçar, aprender e ocupar espaços. Olhem para si. Cuidem-se. A vida também acontece nesse gesto.



Fonte: Arquivo pessoal – Regina Gomes de O. Inácio



Fonte: Arquivo pessoal – Regina Gomes de O. Inácio



**Regina Gomes de O. Inácio:**  
**Mulher, professora, fiscal ambiental, mestre em Biodiversidade e Conservação. Movida pelo estudo, pela persistência e pelo cuidado com a vida. Goiana que não se cansa de apreciar as belezas do Cerrado.**

# Raízes no sertão, coração na **floresta!**

*Uma história de coragem, ciência e conexão,  
que une o sertão nordestino ao coração da  
Amazônia em uma jornada de descobertas  
e transformações.*



***Sou nordestina de nascença e amazônida de coração. Cresci entre sonhos tímidos e uma realidade simples. Descobri cedo que a vida não espera a gente se sentir pronta e a adaptação às mudanças é essencial para transformar desafios em oportunidades de evolução. Trago aqui o recorte de uma história de coragem, ciência e conexão.***

Nasci em Arapiraca, interior de Alagoas, mas fui criada em Pernambuco. Comecei a trabalhar na adolescência. Com apoio familiar, ingressei na universidade para cursar Medicina Veterinária e dividia meu tempo entre estudos, trabalho e longas horas de ônibus, que eu aproveitava para revisar conteúdo ou cochilar. Fácil não foi, mas como boa nordestina arretada, segui em frente.

Mesmo sem expressar abertamente, eu carregava no peito um sentimento de frustração e o medo de recomeçar. Por isso, mergulhei em estágios, capacitações, projetos, sempre buscando o verdadeiro sentido da minha formação. Grande parte dessas experiências ocorreu no sertão pernambucano e alagoano, região que me desperta admiração profunda. O sertão nordestino ensina, na simplicidade, a força de resistir.

Foi lá que tive a oportunidade de trabalhar com caprinos e ovinos, criações tão importantes para a subsistência e a economia da região. Entre histórias e experiências compartilhadas com os produtores, algo começou a mudar. Na simplicidade daqueles encontros, nas trocas sinceras e no saber construído em conjunto, fui encontrando uma forma mais profunda de dar sentido ao meu caminho.

Continuei estudando e no primeiro ano do doutorado fui aprovada em concurso público para atuar como professora do magistério superior no estado do Acre, coração da Amazônia Ocidental. De repente, do sertão para a floresta, minha história ganhava novos cenários. Mesmo com medo, eu segui em frente. Mudei de estado, de bioma, de emprego, comecei a lecionar, me casei, formei minha família e adotei duas gatinhas lindas, Marley e Juma, que hoje reinam soberanas na casa.

Entre aulas, orientações, laboratório e atividades de campo, fui aos poucos reconhecendo minha missão como educadora. No entanto, também compreendi que a docência carrega seus próprios desafios, exigindo força, sensibilidade e resiliência. Na atualidade, a pressão por produtividade, a competitividade acadêmica, a sobrecarga de trabalho e o machismo são fatores que impactam diretamente na saúde mental de milhares de professoras pelo mundo. E comigo não foi diferente. Aquele caminho, construído com tanto esforço agora me trazia dor e ansiedade. Novamente, senti a necessidade de recalcular a rota, mesmo sem saber para onde seguir.

Até que meus alunos, carinhosamente chamados de “filhos científicos”, me mostraram um olhar diferente sobre a medicina veterinária. Eles tinham anseio por explorar a floresta e a vida selvagem, longe das fazendas e perto dos mistérios da Amazônia. E foi assim que comecei uma jornada completamente nova. Entre estradas de terra e viagens de barco, passei a conhecer comunidades ribeirinhas e povoados indígenas. Pela primeira vez, tive contato com a fauna silvestre. E que universo fascinante! Ao lado dos meus alunos, pude admirar de perto animais incríveis, como morcegos, aves, capivaras, macacos, cobras e tantos outros seres que fazem da Amazônia, um dos lugares mais extraordinários do planeta.

Se o sertão me ensinou a resistir, a floresta me ensinou a florescer. Mais do que médica veterinária e educadora, hoje me enxergo, sobretudo, como alguém que incentiva os jovens que a docência me presenteou. Embora não tenha sido mãe biológica, a universidade me deu algo igualmente profundo: a oportunidade de acompanhar o nascimento de ideias, sonhos e vocações. De certa forma, isso também é maternar.

Ainda não sei o que me espera nos próximos capítulos da vida e isso me dá medo, mas vou continuar seguindo, aprendendo, me transformando e me adaptando todos os dias, pois nada é permanente, inclusive a ciência. Às vezes, a vida nos tira do caminho que imaginávamos seguir apenas para nos levar para onde sempre pertencemos.



Fonte: Arquivo pessoal – Tamyres Izarely B. Silva



**Tamyres Izarely**  
Nordestina de nascença, amazônida de coração, médica veterinária, doutora, professora e mãe científica.